

Reynevan beijou os quadris de Adèle. Em seguida, motivado pelo canto monástico, inspirou com força o ar e mergulhou no odor de flores de hena e nardo, de açafão, cana-de-açúcar e canela, de mirra e aloé, e de quaisquer outras juncáceas. Adèle, tesa, estendeu as mãos e encravou os dedos nos cabelos dele, estribando suas iniciativas bíblicas com suaves movimentos dos quadris.

– Oh, ooooooh... *Mon amour... Mon magicien...* Meu menino divino... Feiticeiro...

*Qui confidunt in Domino, sicut mons Sion
non commovebitur in aeternum,
qui habitat in Hierusalem...*

“Já é o terceiro salmo”, pensou Reynevan. “Quão efêmeros são os instantes de felicidade...”

– *Revertere* – murmurou ele enquanto se ajoelhava. – Vire-se, vire-se, Sulamita.

Adèle virou-se, pôs-se de joelhos e se reclinou, agarrando com força as tábuas de tília da cabeceira, apresentando a Reynevan toda a deslumbrante beleza de seu reverso. “Vênus Calipígia”, pensou ele enquanto ia em sua direção. A associação com a imagem da antiguidade e a visão erótica fizeram-no aproximar-se dela como se ele fosse o já referido São Jorge, atacando com a lança em riste o dragão de Silena. Ajoelhado atrás de Adèle como o rei Salomão atrás do trono de cedro do Líbano, agarrou com ambas as mãos as vinhas de Engaddi dela.

– Oh, minha amada – suspirou, debruçando-se sobre a formosa nuca da senhora como a torre de Davi. – Eu a comparo à égua das carruagens do faraó.

E comparou. Adèle soltou um grito entre os dentes cerrados. E Reynevan lentamente deslizou as mãos ao longo dos flancos dela, molhados de suor, escalando a palmeira para se apoderar dos ramos carregados de frutos. A borgonhesa lançou a cabeça para trás tal qual uma égua antes de saltar um obstáculo.

*Quia non relinquet Dominus virgam peccatorum,
super sortem iustorum
ut non extendant iusti
ad iniquitatem manus suas...*

Os seios de Adèle saltavam sob a mão de Reynevan como dois cabritos, como gazelas gêmeas. Ele então pôs a outra mão debaixo do pomar de romãzeiras dela.

– *Duo... ubera tua* – gemia ele – *sicut duo... hinuli capreae gemelli... qui pascuntur... in liliis... Umbilicus tuus crater... tornatilis numquam... indigens poculis... Venter tuus...*

sicut acervus... tritici vallatus liliis...

– Ah... aaaah... aaah... – respondia a borgonhesa, que desconhecia o latim.

Gloria Patri, et Filio et Spiritui sancto.

Sicut erat in principio, et nunc, et semper

et in saecula saeculorum, Amen.

Alleluia!

Os monges cantavam. E Reynevan, que beijava a nuca de Adèle von Stercza, desvairado, enlouquecido, como se escalasse as montanhas e atravessasse as colinas, *saliens in montibus, transiliens colles*, tal qual um jovem cervo nos montes de bálsamo. *Super montes aromatum.*

* * *

A porta, ao ser arrombada com um golpe, abriu-se com um ímpeto e um estrondo tamanhos que um pedaço do batente da porta saiu voando pela janela tal qual um meteoro. E Adèle soltou um grito agudo e arrepiante enquanto os irmãos von Stercza entravam correndo na câmara. Estava claro que não se tratava de uma visita cordial.

Reynevan saiu rolando da cama, agora a única barreira a separá-lo dos intrusos, apanhou sua roupa e pôs-se a vestir-se apressadamente. Conseguiu fazê-lo quase por completo, mas apenas porque os irmãos Stercza se ocupavam em atacar primeiro a cunhada.

– Sua vagabunda! – bramiu Morold von Stercza, o mais jovem deles, arrastando da cama uma Adèle nua em pelo. – Sua vagabunda de merda!

– Sua puta ordinária! – complementou Wittich, o irmão mais velho.

Wolfher, o mais velho dos irmãos von Stercza depois de Gelfrad, nem sequer conseguiu abrir a boca, pois sua fúria era tamanha que lhe faltavam palavras para expressá-la. Então ergueu a mão e com ela deu um forte tapa na cara de Adèle. A borgonhesa gritou, e Wolfher repetiu o golpe, dessa vez com o dorso da mão.

– Não se atreva a bater nela, Stercza! – berrou Reynevan, mas sua voz vacilava e estremecia com medo e um sentimento paralisante de impotência, causados por estarem suas calças ainda à altura dos joelhos. – Não se atreva, está me ouvindo?

O grito surtiu efeito, embora não o esperado. Wolfher e Wittich, esquecendo-se por um instante da cunhada adúltera, avançaram rumo a Reynevan e sobre ele despejaram

uma avalanche de murros e pontapés. O rapaz encolheu-se sob os golpes, porém, em vez de se defender ou proteger-se do ataque, teimava em vestir as calças, como se elas fossem algum tipo de armadura mágica, capaz de resguardá-lo e poupá-lo das contusões, uma couraça enfeitiçada de Astolfo ou de Amadís de Gaula. Ainda assim, pelo canto do olho notou que Wittich se preparava para sacar uma faca. Adèle berrou.

– Não! – Wolfher rosnou para o irmão. – Não aqui!

Reynevan conseguiu se erguer, apoiando-se sobre os joelhos. Wittich, com o rosto pálido de raiva, avançou até o rapaz e lhe deu um soco que no mesmo momento o lançou de volta ao chão. Adèle soltou um grito penetrante que só foi interrompido quando Morold novamente a estapeou e puxou seu cabelo.

– Não se atrevam... – gemia Reynevan – ... a bater nela, seus canalhas!

– Seu filho da puta! – berrou Wittich. – Espere aí!

Wittich saltou até Reynevan e o socou e o chutou, uma, duas vezes. Na terceira, foi contido por Wolfher.

– Aqui não – repetiu Wolfher com calma, mas uma calma nefasta. – Carreguem-no até o pátio. Vamos levá-lo para Bierutów. Essa puta também.

– Sou inocente! – bramava Adèle von Stercza. – Ele me seduziu! Me enfeitiçou! É um feiticeiro! *Le sorcier! Le diab...*

Morold a pôs quieta com um golpe.

– Cale-se, égua – rosnou ele. – Você logo terá a oportunidade de gritar. Espere só um pouquinho.

– Não se atrevam a bater nela! – esbravejou Reynevan.

– Você também, galozinho, terá sua chance de gritar – acrescentou Wolfher, com sua pernicioso tranquilidade. – Andem, levem-no para fora.

Para sair do sótão era preciso descer uma escada bastante íngreme. Então os irmãos Stercza empurraram Reynevan, que rolou pelos degraus até chegar ao chão, derrubando no trajeto uma parte da balaustrada de madeira. Antes que conseguisse se levantar, o pegaram outra vez e o arremessaram no pátio, sobre a areia ornamentada com pilhas vaporosas de esterco de cavalo.

– Ora, ora... – disse o garoto que segurava os cavalos, Niklas von Stercza, o mais novo dos irmãos. – Vejam quem resolveu aparecer. Seria mesmo Reinmar de Bielau?

– O douto sabichão Bielau – resmungou Jencz von Knobelsdorf, conhecido como Bufo, compadre e parente dos Stercza.

– O sabichão linguarudo Bielau! – complementou ainda Bufo, pondo-se diante de Reynevan, que por sua vez tentava desajeitadamente se levantar da areia.

– Poeta de meia-tigela – acrescentou Dieter Haxt, outro amigo da família. – Abelardo de merda!

– E, para provar a ele que somos igualmente doutos – disse Wolfher enquanto descia a escada –, faremos com ele o mesmo que fizeram com Abelardo quando o pegaram com Heloísa de Argenteuil. Exatamente a mesma coisa. E então, Bielau? Como lhe soa a ideia de se tornar um capão?

– Vá se foder, Stercza.

– O quê? O quê?! – Embora parecesse impossível, Wolfher von Stercza empalideceu ainda mais. – O galozinho ainda se atreve a abrir o bico? A cantar? Jencz, me passe o açoitite!

– Não se atreva a encostar nele! – berrou de súbito Adèle, agora já vestida, embora não por completo, enquanto era escoltada na descida da escada. – Não se atreva! Caso contrário, contarei a todos quem é você de verdade! Que você mesmo já me cortejou, passou as mãos em meu corpo, tentou me seduzir e me instigar à libidinagem! Pelas costas do seu próprio irmão! Que você mesmo jurou se vingar quando não correspondi a suas investidas! É por isso que agora você está tão... tão...

Adèle não conseguiu encontrar a palavra certa em alemão, e assim a tirada foi por água abaixo. Wolfher apenas riu.

– Até parece! – ironizou. – Você acha mesmo que alguém vai dar ouvidos a uma rameira francesa, uma devassa? Bufo, passe-me o açoitite!

De súbito, o pátio tornou-se mais escuro, com uma profusão de frades agostinianos em hábitos.

– O que se passa aqui? – berrou o vetusto prior Erasmo Steinkeller, um velhinho magro e descorado. – O que fazem, cristãos?

– Deem o fora daqui! – gritou Wolfher, estalando o açoitite. – Fora, cabeças-rapadas, fora daqui! Voltem para o breviário, voltem a rezar! Não se metam nos assuntos de cavaleiros! Caso contrário, vão se arrepender, seus saias-pretas!

– Senhor – disse o prior, unindo as mãos cobertas de manchas escuras –, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem. *In nomine Patris, et Filii...*

– Morold! Wittich! – rosou Wolfher. – Tragam a vagabunda para cá! Jencz, Dieter, prendam o Abelardo!

– E que tal – interveio, franzindo o cenho, Stefan Rotkirch, mais um amigo da família, que até então permanecera calado – se nós o arrastássemos um pouco atrás do cavalo?

– Pode ser. Mas antes vamos açoitá-lo!

Alçou a mão para com o açoitite golpear Reynevan – que por sua vez permanecia deitado –, mas não o atingiu, pois o irmão Inocente segurava seu braço. O irmão

Inocente exibia altura e constituição imponentes, notáveis apesar da corcunda monacal de humildade. Imobilizou o braço de Wolfher de tal modo que o aperto de seu punho parecia o de um torno.

Stercza soltou um palavrão obscuro, livrou-se do frade e o empurrou com força. Mas poderia ter empurrado até a torre de menagem do castelo de Oleśnica, que fosse, e o efeito teria sido o mesmo. O irmão Inocente, alcunhado por seus confrades de “irmão Insolente”, não retrocedeu um milímetro. E devolveu-lhe o empurrão com tamanha força que Wolfher atravessou voando metade do pátio até aterrissar numa pilha de estrume.

Por um instante, tudo ficou em silêncio. Então todo o bando dos Stercza se lançou contra o frade grandalhão. Bufo, o primeiro a atacá-lo, levou um murro nos dentes e rolou sobre a areia. Morold von Stercza levou um safanão ao pé do ouvido que o fez sair tropeçando para o lado, com o olhar perdido. Os demais cercaram o agostiniano como formigas, e a enorme silhueta de hábito negro desapareceu por completo debaixo da enxurrada de socos e pontapés. O irmão Insolente, mesmo sob um ataque massivo, retribuiu os golpes em igual medida e de uma forma bem pouco cristã, contrariando por completo a regra da humildade de Santo Agostinho.

O velho prior se enervou diante da cena. Enrubescou como uma cereja, rugiu como um leão e se lançou no meio do turbilhão da batalha, manejando, à esquerda e à direita, um crucifixo de jacarandá com o qual distribuía pancadas mordazes.

– *Pax!* – berrava ele ao desferir os golpes. – *Pax! Vobiscum!* Ama o teu próximo! *Proximum tuum! Sicut te ipsum!* Filhos da puta!

Dieter Haxt lhe deu um soco. As pernas do velhinho se ergueram rumo ao céu enquanto ele caía para trás, suas sandálias soltas perfazendo trajetórias pitorescas em pleno ar. Os agostinianos começaram a gritar. Alguns não resistiram à tentação e se lançaram ao combate. O pátio estava tomado pelo alvoroço.

Wolfher von Stercza, empurrado para fora do turbilhão, desembainhou seu gládio e começou a brandi-lo – um derramamento de sangue parecia iminente. Mas Reynevan, que já tinha conseguido se levantar, golpeou-o na nuca com o cabo do chicote que ele havia apanhado do chão. Stercza, então, agarrou a cabeça dele e se virou, mas o movimento serviu apenas para que Reynevan acertasse seu rosto com o chicote. Wolfher caiu. E Reynevan saiu em disparada na direção dos cavalos.

– Aqui, Adèle! Venha comigo!

Adèle não esboçou um movimento sequer, e a indiferença estampada em seu rosto chamava a atenção. Reynevan, num salto, já estava montado na sela. O cavalo relinchava e sacudia.